

Reflexões de um Velho Professor sobre Guerra e Paz

Edward Bernard Glick

QUANDO EU AINDA era um jovem universitário, dois livros me impressionavam tremendamente (na verdade, eles ainda o fazem)... Um deles é *A Agressão – Uma História Natural do Mal*, de Konrad Lorenz. Um médico Ph.D., ganhador do Prêmio Nobel de medicina e psicologia em 1973, Lorenz estabeleceu o campo da etologia, o estudo do comportamento de animais dentro de seu ambiente natural. No prólogo de *A Agressão*, Lorenz escreveu: “O tema deste livro é a agressão, ou seja, o instinto de lutar comum aos homens e aos animais, quando essa luta é dirigida contra membros de sua própria espécie”. Segundo ele, os animais, particularmente os machos, são programados biologicamente para lutar por recursos e

território, e esse comportamento é parte da seleção natural. Em resumo: o comportamento agressivo é, em grande parte, inato.

O outro livro que me influenciou imensamente quando jovem é *The Territorial Imperative* (“O Imperativo Territorial”, em tradução livre) de Robert Ardrey. Ardrey popularizou e acrescentou novas ideias às de Lorenz. Depois de ler seu livro, um crítico do “Clube do Livro do Mês” colocou a seguinte questão, “Somos uma espécie territorial? Nós nos defendemos — por meio da guerra ou de outra forma — porque aprendemos a fazer isso, ou porque, como animais, precisamos fazê-lo”?

Uma leitura de Lorenz e Ardrey fornece uma boa razão para acreditar no provérbio romano *Si vis pacem para bellum*, “Se queres a paz,



Exército dos EUA, Ten Cel Robert Longini

Oficiais alemães capturados no Marrocos Francês, Jun 1940.

Edward Bernard Glick, um frequente colaborador da Military Review, é Professor Emérito de Ciência Política na Temple University, na Filadélfia, Estado de Pensilvânia.

Ele também é o autor de Soldiers, Scholars, and Society: The Social Impact of the American Military.



O Bockscar e sua tripulação, que lançaram a bomba atômica “Fat Man” em Nagasaki, 1945.

prepara-te para a guerra”. O texto romano original prossegue com “Se queres a vitória, treina cuidadosamente teus soldados; se queres resultados favoráveis, luta dependendo da habilidade e não, da sorte”.

A guerra já não está limitada a soldados uniformizados combatendo uns aos outros. A guerra inclui terroristas que não usam uniformes, não representam um Estado soberano e usam aviões e automóveis civis para colidir contra prédios e matar seus inimigos.

Apesar dessas mudanças na guerra, muitos pacifistas aderiram à noção de que a guerra é imoral. Eles continuam esquecendo que soldados, e não sermões, impediram que o Islã avançasse sobre a Europa cristã, na Batalha de Viena, em 1683. Não foram sermões, mas soldados, os responsáveis pela libertação dos colonos norte-americanos do domínio da Grã-Bretanha, em 1781. Foram soldados, e não sermões, que realmente emanciparam os escravos estadunidenses em 1865 e libertaram os sobreviventes dos campos de extermínio nazistas em 1945.

O contraterrorismo é a forma predominante da guerra contemporânea. Pode-se dizer que, depois do atentado contra o *World Trade Center* em Nova York, em 11 de setembro de 2001, os

estadunidenses se dividiram em três: os do 10 de setembro, os do 12 de setembro e os do 13 de setembro. O grupo do 13 de setembro é aquele que culpa os Estados Unidos pelos eventos de 11 de Setembro e pensa que a reação apropriada seria abandonar a “arrogância” estadunidense e seu apoio a Israel. O povo do 10 de setembro rejeita essas noções, mas acredita que atos terroristas são crimes que devem ser resolvidos apenas por nossos órgãos e entidades de segurança pública e de Inteligência. O grupo do 12 de setembro acredita que os terroristas de hoje querem destruir a civilização ocidental, e que atos de terrorismo são atos de guerra, coisas que devemos enfrentar principalmente com meios militares.

Quando falamos de terrorismo além de nossas fronteiras, eu me lembro de alguns trechos de um artigo que publiquei em 1979, sobre a crise dos reféns no Irã:

A pergunta essencial — que nos irá causar muito sofrimento, se qualquer um dos reféns for ferido ou ainda estiver em cativeiro quando estas palavras forem publicadas — é até que ponto o mundo ocidental, em geral, o Terceiro Mundo, em particular, e os Estados Unidos, especialmente, são os verdadeiros responsáveis por esse terrorismo tolerado por um governo.

Em sua forma mais recorrente, o terrorismo moderno tem se manifestado no confronto entre árabes e israelenses... Há algumas décadas, Israel advertiu o mundo, em particular as nações do Ocidente, que o terrorismo tolerado internacionalmente é um vírus político que não tem fronteiras. Se não fosse combatido, iria se espalhar por outras causas, continentes e países.

Julgando estar imunes ao vírus terrorista, espectadores distanciados do problema poderiam adotar esse tipo de lógica e nela basear suas ações — ou inação. Contudo, não existe esse tipo de espectador. Os terroristas em Teerã

provaram isso de uma vez por todas. Se os países do Ocidente não se unirem contra o terrorismo, independentemente dos eventuais sacrifícios econômicos de curto prazo, seu futuro como verdadeiros Estados soberanos será bastante prejudicado no longo prazo.

Aqueles que odeiam os Estados Unidos gostam de discutir a guerra segundo um esquema de imperialismo e colonialismo norte-americanos. Sim, é verdade que os Estados Unidos tomaram terras dos povos nativos da América do Norte. Mas isso também é válido para franceses, britânicos e canadenses. Da mesma forma, os espanhóis e os portugueses conquistaram terras na América Latina. Também os australianos e os neozelandeses ocuparam a Oceania. Russos, chineses e japoneses conquistaram terras na Europa e na Ásia. Os escoceses, os galeses e os católicos da Irlanda do Norte desejaram ser integrados à Grã-Bretanha? Quiseram os tibetanos fazer parte da China comunista?

Sim, os Estados Unidos conquistaram as Filipinas e Porto Rico na Guerra contra a Espanha, em 1898, e permaneceram controlando Cuba, na prática, até 1934. Contudo, este país permitiu a independência dos filipinos em 1946, e prometeu aos porto-riquenhos conceder-lhes o *status* de Estado — ou sua independência — quando assim desejarem.

É verdade que o Presidente Theodore Roosevelt, influenciado pelas teorias do poder naval do Almirante norte-americano Alfred Thayer Mahan, tirou proveito de uma revolta contra a Colômbia para obter o que se tornou a Zona do Canal do Panamá, em 1903. O novo governo panamenho deu aos Estados Unidos a concessão francesa para a construção do Canal, obra que os Estados Unidos concluíram em 1914. Mas o Presidente Jimmy Carter devolveu a Zona e o Canal aos panamenhos, em 1977.

Sim, é verdade que, em 1945, o Presidente Harry Truman determinou que a Aviação do Exército dos EUA empregasse bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, encerrando, assim, a participação do Japão na Segunda Guerra Mundial. Sim, por alguns anos, os Estados Unidos foram a única potência com armas nucleares no mundo, mas não chantageamos ninguém. Tampouco ocupamos terras alheias. Em contraposição, a

União Soviética incorporou grandes áreas da Alemanha e da Polônia, no pós-guerra.

Se compararmos os Estados Unidos com a Assíria, a Babilônia, a Pérsia, a Grécia e com Roma — ou ainda, com a Turquia otomana, Espanha, Portugal, Japão, Rússia, Grã-Bretanha e França — só podemos concluir que os Estados Unidos foram e são a superpotência menos belicosa e menos imperialista de toda a história.

Há, obviamente, a questão sobre uma possível guerra em um contexto no qual o Irã possua armas nucleares. Há alguns anos, Thomas Friedman, do *New York Times*, escreveu que “Preferia conviver com um Irã nuclear, porque é a coisa mais sábia [a fazer] nessas circunstâncias”. Thomas Friedman pode acreditar nisso, mas para os líderes de Israel, um artefato nuclear iraniano e seus respectivos sistemas de lançamento levantam questões primordiais.

Pode o Estado judeu conviver com um Irã que possua armas nucleares e os meios para lançá-las? Pode aquele país desconsiderar um líder iraniano que o considera um “regime artificial”, que deve “ser varrido da face da Terra”? Como deve ele reagir aos planos do Presidente Mahmoud Ahmadinejad para um segundo Holocausto, ainda mais quando este nega que o primeiro tenha acontecido? Milhões de israelenses são descendentes daqueles que morreram no Holocausto. Em 1981, quando o

...o terrorismo tolerado internacionalmente é um vírus político que não tem fronteiras.

Iraque ameaçou Israel, o então primeiro-ministro israelense, Menachem Begin, determinou que sua Força Aérea destruísse o reator nuclear do Iraque e declarou que “Israel não deve desculpas a ninguém. Em um raciocínio lógico, decidimos agir agora, antes que fosse tarde demais. Iremos defender nosso povo com todos os meios de que dispomos”.

Às vezes, é possível ouvir o argumento de que se o Irã pode conviver com a bomba israelense,

porque Israel não pode conviver com uma bomba iraniana? A resposta é que nenhum líder israelense jamais ameaçou “desaparecer” com o Irã.

O Irã é um país grande, enquanto Israel é pequeno — menor que o Estado norte-americano de Nova Jersey. Em seu ponto mais estreito, sua largura é de somente 15 quilômetros. O arsenal nuclear de Israel pode dissuadir seus inimigos, apenas se eles tiverem sabedoria e sensatez para serem dissuadidos. Durante a Guerra Fria, os russos e os norte-americanos operavam sob a doutrina política e militar conhecida como destruição mútua assegurada [ou *MAD*, na sigla original em inglês, o que gera um trocadilho peculiar — N. do T.]. A doutrina pressupunha que, por pior que estivesse o relacionamento entre a União Soviética e os Estados Unidos, nenhum dos lados iria arriscar a aniquilação total — um bom exemplo disso seria a crise dos mísseis de Cuba, em 1962.

Os líderes do Irã não pensam dessa forma. O raciocínio deles é: “Temos 70 milhões de

pessoas, e Israel tem 7 milhões. Se atacarmos os sionistas com armas nucleares, eles responderão da mesma forma. Se eles tiverem sorte, irão matar a metade do nosso povo; mas se Alá quiser, nós mataremos todos eles, e 35 milhões de nós terão sobrevivido”.

Nós, seres humanos, talvez possamos desfrutar de tempos de paz — às vezes por longos períodos —, mas nunca nos livraremos completamente da guerra, porque somos “programados” a lutar por território. Konrad Lorenz, Robert Ardrey e Publius Flavius Vegetius Renatus (o autor da frase *Si vis pacem para bellum*) têm razão. Max Boot, escritor e historiador estadunidense, também tem razão. Ele rejeita a “crença do iluminismo, agradável, mas contrária aos fatos históricos, de que a paz é a ordem natural das coisas e que a guerra é uma aberração temporária”.

Gostem ou não, este foi o mundo no qual vivemos no passado. Este é o mundo em que vivemos agora. E este será o mundo em que iremos viver no futuro.**MR**



Marinha dos EUA. Sg1 Preston Keres

Um bombeiro da Cidade de Nova York chama por mais dez elementos de resgate para auxiliá-lo, junto aos escombros do World Trade Center, em Nova York, 14 Sep 01.